

*Nascentes***ANÁLISE SEMIÓTICA DO TEXTO-ESCALURA “CAVALEIRO GUAICURU”***Renan Ramires de Azevedo***Maria Luceli Faria Batistote***

RESUMO: A semiótica discursiva, de Greimas, hodiernamente, toma não somente o texto verbal como objeto de análise, mas textos com formas outras de expressão. Nesse sentido, o presente trabalho tem intuito de realizar uma análise, sob o viés semiótico, do monumento “Cavaleiro Guaicuru”, produzido pelo artista plástico Anor Mendes, escultor sul-mato-grossense. A estátua está localizada no Parque das Nações Indígenas, na cidade de Campo Grande – MS, e é relevante foco turístico da capital do estado. Para tanto, utilizamo-nos dos postulados de Diana Luz Pessoa de Barros. (2005, 2019) e de José Luiz Fiorin. (2000, 2011) no que concerne à análise no âmbito da teoria da semiótica padrão; e dos preceitos de Antonio Vicente Petroforte. (2007, 2018) sobre a análise do plano da expressão do texto plástico. Ademais, realizamos, ainda, algumas considerações sobre o papel social da escultura a partir da noção de valor prevista por Jean-Marie Floch. (1995) Dessa forma, foi possível concluir, por meio das análises, efeitos de sentidos que tornam perceptível seu importante papel social na região por possuir, em seu conteúdo e expressão, traços históricos e da identidade sul-mato-grossense.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso turístico; Semiótica discursiva; Semiótica plástica.

Introdução: representação de uma etnia

O presente trabalho tem como objetivo colaborar com os estudos semióticos, aplicando a teoria francesa em objetos ainda não explorados, seguindo uma das suas atuais tendências. Assim sendo, o objeto de análise selecionado foi uma escultura localizada no Parque das Nações Indígenas, um dos principais focos turísticos da cidade de Campo Grande – MS. O monumento foi construído pelo artista plástico Anor Mendes e se intitula “Cavaleiro Guaicuru”.

A etnia Guaicurú está presente no Pantanal brasileiro e no Chaco paraguaio muito antes da ocupação dos europeus, os Guaicurus sempre foram temidos pela comunidade

* Mestrando em Estudos de Linguagens pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Membro do Grupo de Estudos Semióticos de Mato Grosso do Sul (SEMIOMS).

** Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp). Professora Adjunta da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Membro do SEMIOMS - Grupo de Estudos Semióticos de Mato Grosso do Sul.

indígena, pelos colonizadores e por todos que ousavam dominá-los; prova disso, é o termo “guaicurú”, apelido dado pelos Guaranis, que segundo a tradução de Guido Boggiani:

Gua é uma partícula que leva consigo o significado de gente, habitante, nativo; *Ai* que dizer malvado, mau, falso, traidor; *Curú* significa sarna, sujeira da pele, e, por conseguinte *icurú* – sarnoso, sujo. Tudo isso deriva em: *Guáai-icurú*, ou seja, gente malvada e suja. (BOGGIANI, 1899, p. 112, tradução nossa)¹

Portanto, “Gua” quer dizer habitante, povo; “ai” traz consigo sentido de maldoso, mau e, por conseguinte, tem-se “icurú” que quer dizer sujo. Além disso, são conhecidos também como uma sociedade equestre, fato desenvolvido no início do século XVI e que certamente dificultou ainda mais a situação de sociedades vizinhas. Assim como sua fama já previa, a civilização Guaicurú foi símbolo de resistência contra os portugueses, dando-lhes grandes prejuízos até 300 anos após a chegada, como trata Lopes:

Ao longo dos séculos 17 e 18, a situação não melhorou para os europeus que tentavam atravessar a bacia do Paraguai. Os cavaleiros guaicurus se aliaram aos paiaguás, que, com suas canoas velozes e remos que viravam lanças, faziam dos rios seu domínio absoluto. A dobradinha passou a prevalecer tanto nas planícies quanto nos rios que as cortavam. (LOPES, 2005, p. 55)

Logo após toda essa relutância, em 1791 (final do séc. XVIII), o governo português finalmente conseguiu um acordo de paz, associado também com a participação dos indígenas na Guerra do Paraguai, que viria acontecer entre os anos de 1864 a 1870, sendo a guerra mais sangrenta da América Latina. Relata-se que os naturais da região foram essenciais para guiar tropas, circunstanciando assim, o sucesso das batalhas concedidas. Há de se dizer que parte desse trato realizado com os portugueses também tinha tal valor pela questão de demarcação do continente entre os países ibéricos, pois deviam ser marcadas sem causar tanto prejuízo aos nativos e se fecharam com os guaicurus, fecharam com suas terras.

O “fim” da civilização equestre se deu por meio da estruturação de outros grupos indígenas que tomaram suas áreas de caça e plantio, forçando-os a saírem de onde viviam e causando crise de sobrevivência e de unidade. Hoje, seus descendentes, como os índios Kadwéus (localizado na região de Bodoquena – MS), recordam os tempos de glória e poder de seus antepassados. Após, esse breve relato sobre a etnia Guaicuru, discorre-se sobre o processo de criação da estátua.

¹ Guá es partícula que lleva consigo el significado de gente, habitante, nativo; Aí quiere decir malvado, malo, falso, traidor; Curú significa sarna, suciedad de la piel, y, por consiguiente icurú - sarnoso, sucio. De todo lo cual deriva: Guáai-icurú o sea, gente malvada y sucia.

No que concerne ao monumento propriamente dito, importa mencionar, ainda que rapidamente, que foi erguido em uma ilha no lago de um dos maiores e “mais bonitos parques do Brasil” (São Paulo São, 2018), localizado em uma posição privilegiada, pois tanto quem está dentro, quanto quem passa por fora, consegue visualizar tal monumento, de modo a atrair toda atenção para si e, assim, se torna quase irresistível o registro de uma fotografia. Com sete metros de comprimento por quatro de altura, Cavaleiro Guaicuru foi feito com uma armação de ferro e revestida com mistura de resina e pó de mármore levando cinco meses para ser concluída no ano de 2004.

Produzida em 2004, a obra foi construída pela Enersul, empresa responsável pela distribuição de energia do estado na época, que contratou Mendes para produzi-la. Sobre a realização da obra, Anor Mendes declara em uma reportagem da época: “essa obra é um grande orgulho, pois estou realizando um sonho antigo de reproduzir a gravura de um Guerreiro Guaicuru e só com o apoio e empenho da Sema e da Enersul esse sonho foi concretizado” (Dourados news, 2004). Além de tais incentivos para realização, a motivação principal foi a representatividade que as nações indígenas têm na cultura e na identidade do MS. Outrossim, o trabalho tem como objetivo caracterizar o parque no que seu nome já diz, das Nações Indígenas, além de ser mais um atrativo para um dos principais pontos turísticos da capital.

Mesmo construída com armação de ferro e revestida com mistura de resina e pó de mármore para resistir o passar dos anos e o tempo heterogêneo de Campo Grande, em 2013, foi necessária uma revitalização da obra por conta da depredação e vandalismo. Isso custou mais de 20 mil reais, segundo *campograndenews*, e o artista plástico não desistiu da cultura, protegendo o monumento com Caraguatá, planta típica do cenário guaicuru. E em 11 de setembro de 2017, foi publicado pela assembleia legislativa, o decreto 584, que institui o monumento “Cavaleiro Guaicuru” como patrimônio histórico do estado de Mato Grosso do Sul, mantendo assim sua preservação, e seu importante papel como discurso turístico pantaneiro (AZEVEDO; BATISTOTE, 2020).

Vale ressaltar que pontuamos algumas considerações da história da etnia ao início, não como fator colaborativo à compreensão da análise, mas como uma oportunidade em se discorrer e lembrar, sobretudo, a historiografia de um importante povo que faz parte da história do Brasil e que foi selecionado como nosso objeto de análise. Por isso, sobre tal relação entre semiótica e história, Fiorin postula:

A Semiótica narrativa e discursiva, herdeira de Hjelmslev, nas pegadas desse autor, não recusa a História, ela leva em conta a historicidade dos textos. É preciso, no entanto, ver como ela o faz. Evidentemente, ela

recusa a ideia de que estudar a historicidade de um texto é contar anedotas a respeito de suas condições de produção: o autor (biografia, etc.), o lugar, à época. (FIORIN, 2011, p. 16)

Em outras palavras, a mesma questão é tratada por Barros quando afirma que nos desenvolvimentos mais recentes da semiótica, a teoria “tem caminhado [...] e procurado conciliar, com o mesmo aparato teórico-metodológico, as análises ditas ‘interna’ e ‘externa’ do texto” (BARROS, 2005, p. 12). Portanto, ainda que o principal teor teórico do presente artigo seja de cunho estruturalista e intratextual, justificamos a escolha de abordar o contexto histórico do objeto de análise no início do presente artigo. A história não é superior ao sentido mas interior a ele.

Semiótica discursiva e seu desdobramento visual

O aparato teórico utilizado para a realização da análise do presente trabalho está no âmbito da semiótica de linhagem francesa. Tomamos os estudos de Fiorin (2000, 2011) e Barros (2005, 2019), alguns dos principais estudiosos da linguística e da semiótica francesa no Brasil, como norteadores de nossa análise, em primeira instância.

No que concerne ao objeto de estudo semiótica, Barros afirma que é o texto e que a teoria procura “explicar os sentidos do texto, isto é, *o que o texto diz*, e, também, ou sobretudo, os mecanismos e procedimentos que constroem os seus sentidos” (BARROS, 2019, p. 187, grifo da autora), por isso, o monumento em nossa análise é tido como texto. Quando falamos em semiótica, falamos em um processo de leitura. Dentro da teoria padrão da semiótica, vale destacar que o objeto transpassa um percurso de análise no âmbito do plano de conteúdo, conforme postulado por Fiorin:

O percurso gerativo de sentido é uma sucessão de patamares, cada um dos quais suscetível de receber uma descrição adequada, que mostra como se produz e se interpreta o sentido, num processo que vai do mais simples ao mais complexo. No modelo que estamos apresentando, os patamares do percurso são três. [...] Os três níveis do percurso são o profundo. (ou fundamental), o narrativo e o discursivo. (FIORIN, 2000, p. 17)

Assim, o processo de análise semiótica ao desenvolver do percurso, vai gerando sentido, sucessivamente, ao percorrendo três etapas, respectivamente: nível fundamental, nível narrativo e nível discursivo.

Ademais, sobre o processo de análise semiótica, Barros frisa que o objeto de estudo da semiótica não se prende apenas ao texto verbal ou linguístico e explica a preocupação com todos os tipos de textos que veiculam em nossa sociedade, “oral ou escrito, [...] visual ou gestual [...] ou, mais frequentemente, um texto sincrético [...]” (BARROS, 2005, p. 8). Assim sendo, asseguramo-nos quanto a escolha do objeto desta análise: o texto “escultura”.

Posteriormente à análise do plano do conteúdo a fim de evidenciar *o que o texto diz*, nossa análise parte para análise do plano da expressão, *como o texto expressa o que diz*. Os planos relacionados emergem o semissymbolismo. No que concerne o plano da expressão, utilizaremos aos conceitos do âmbito da semiótica visual, tendo em vista que o texto a ser analisado é uma escultura e sua forma de manifestação é visual.

Os estudos de Antonio Vicente Pietroforte, um dos principais contribuidores da semiótica visual no Brasil, foram norteadores na análise no que se refere ao plano da expressão. Pietroforte (2007, 2018) pontua que no plano de expressão da semiótica visual há três seções de análise que serão agora esclarecidas:

- (A) **Categoria eidética:** Em questão a relação das formas;
- (B) **Categoria cromática:** Em questão a relação das cores;
- (C) **Categoria topográfica:** Determinante à disposição das cores e formas.

Vale lembrar que, diferentemente de artes bidimensionais, a escultura tem caráter tridimensional. Contudo, o perfil de nosso objeto ainda se encaixa e pode se submeter à análise visual, conforme, afirma Morato: “embora na escultura os significantes sejam tridimensionais, tal fato não implica que ela esteja fora dos domínios da semiótica do visual” (MORATO, 2013, p. 91). Por fim, trataremos a noção de valor segundo Jean-Marie Floch (1995) que, associada às esculturas, averigua o papel social de tais manifestações e sua forma de valorização (PIETROFORTE, 2018).

Sentido e plasticidade

Como já mencionado, o objetivo do presente artigo é desenvolver por meio da teoria semiótica de linhagem francesa, com enfoque à vertente da semiótica visual, uma análise do monumento-texto “Cavaleiro Guaicuru” (fig. 01).

Fig. 01: Monumento Cavaleiro Guaicuru



Fonte: elaboração própria

Dando início à análise propriamente dita, primeiramente analisamos o plano do conteúdo, “o que o texto diz”, para posteriormente investigar o plano da expressão, “como o texto diz o que diz”. Sobre o primeiro patamar do plano do conteúdo, o nível das estruturas fundamentais, Barros afirma que “é preciso determinar a oposição ou as oposições semânticas a partir das quais se constrói o sentido do texto” (BARROS, 2005, p. 14). A partir dessa afirmação, a categoria semântica da escultura foi determinada como:

VIDA vs. MORTE

Essa oposição manifestada foi depreendida por meio da noção em que se narra a história contada pela escultura, exposta logo a seguir no nível narrativo. Ainda, no nível fundamental, é necessário que se designe a categoria fundamental em categorias tímicas, ou seja, como eufóricas (positivas) e disfóricas (negativas). Além disso, deve-se associar esses fatos com um percurso entre os termos. Desse modo, as correlações definidas através dos efeitos são:

VIDA → NÃO-VIDA → MORTE
(euforia) (não-euforia) (disforia)

Ao nos depararmos com a escultura, em um primeiro momento, já se depreende que o texto visual em questão nos conta a história de um homem, indígena, evidenciado pela vestimenta e pelas pinturas características em seu corpo, que em posição de ataque, em alguma luta, guerra, etc. Por isso, a categoria semântica mínima instituída é Vida vs. Morte, representados, respectivamente, pela luta do sujeito indígena (vida), e pela presença de vida se pressupõe a presença de morte. Nesse sentido, de significações mais abstratas, é percebida, que o sujeito indígena carrega uma lança: haja vista que lança é considerada um objeto de ataque, associamos, então, à não vida. O conteúdo fundamental do monumento, portanto, é a negação da vida, sentida como negativa, e a afirmação da morte. Essas afirmações se tornam mais claras ao compreendermos as questões do nível narrativo.

Em termos narrativos, a escultura conta a história de um indígena, evidenciado de linhagem guaicuru pelo nome da obra e pelo fato do mesmo estar cavalgando na lateral de seu cavalo (fato particular da etnia); além de tal posição de domínio do índio sobre o animal, cavalo, tornar-se símbolo da participação dos indígenas na Guerra do Paraguai. Dessa maneira, tem-se uma relação figurativa: guerra *vs* paz. A narratividade pressuposta a partir do

conteúdo da escultura, determina que o sujeito guaicuru estava em conjunção com o objeto vida. Sua performance não é evidente no texto, mas sua lança denuncia partículas de sentido de um crer-poder ser do sujeito. Já em relação ao polo semântico morte, não é explícita no texto.

Em termos discursivos, os temas que, basicamente, realizam tanto os valores de vida quanto os valores morte na obra são:

1) Tema de identidade, pois mesmo sendo indígenas nativos do continente sul-americano, carregam traços particulares de seu comportamento que os tornam diferentes dos demais; na escultura, representado pela maneira pela qual o indígena utiliza o cavalo como um veículo de ataque.

2) Tema da concepção europeia de inferioridade dos nativos perante o governo dominador, pois, desde o princípio, havia certa tentativa, bem sucedida posteriormente, de obter controle social e governamental perante os indígenas. Tanto que, na guerra, os guaicurus lutaram por uma disputa que não necessariamente os pertencia, sendo, por vezes, obrigados a servirem.

Concluimos a análise do plano do conteúdo, para, a seguir, apresentarmos a análise do plano da expressão que, a sua maneira, refletirá as conclusões do plano do conteúdo, conforme os postulados de Pietroforte:

Tais articulações, embora possibilitem descrever a expressão da escultura em função de suas formas plásticas básicas e seus desdobramentos em articulações mais complexas, fazem sentido quando estão correlacionadas a formas semânticas, quer dizer, quando são significantes de algum significado. (PIETROFORTE, 2018, p. 146)

Por isso, exporemos agora, algumas considerações descritivas acerca da expressão da escultura a fim de construir sentido ao associarmos com seu conteúdo. Uma relação de formas plásticas com formas semânticas.

No que concerne à primeira categoria em questão das formas plásticas, a categoria que se empenha às cores, a saber, cromática, recordamos que a escultura foi montada por meio de uma estrutura de ferro, e revestida com mistura de resina e pó de mármore, por isso, em sua primeira apresentação, possuía, em sua totalidade, um caráter esbranquiçado que, com passar dos tempos e do clima, foi adquirindo cor. Hodiernamente, a estátua possui uma tonalidade mais bege escuro ou marrom claro, porém sempre monocromático. Tal caráter assume um sentido disfórico, por possuir menos variações de cores, portanto, associado à uma das categorias mínimas semânticas, evidenciamos que a manifestação monocromática pode reforçar à noção de negação ao sentido de vida, pois, os demais elementos

policromáticos compostos em seu envolto, podem se associar à vida, a exemplo dos pés do monumento, onde possui plantas e flores de diversas cores.

Na categoria eidética, das formas, a estátua não segue um padrão ortogonal (conforme a fig. 02), isto é, seu formato não forma um ângulo de noventa graus, formando um ângulo menor, diagonal, a partir dos pés traseiros do cavalo, podendo-se atribuir assim a categoria de não-ortogonal:

Figura 02: A não ortogonalidade do monumento



Fonte: elaboração própria

Assim, o monumento apresenta tal ortogonalidade justamente por suas figuras não estarem em uma posição de descanso, ou então mórbidas, mas por estarem em posição de ataque, de alguém que corre, portanto, remete a movimento, havendo assim, nesta categoria, indícios de sentidos ligados à vida.

Em questões topológicas, considerando o ambiente como um todo de sentido e a obra como escultórica, evidenciamos a categoria circundado *vs.* circundante, como percebemos na figura 03:

Fig. 03: circundado vs. circundante



Fonte: MS Drone

Diante da categoria circundado vs. circundante, e com a figura 03 fica mais claro, que a estátua se associa ao âmbito circundado, enquanto o resto do parque como elemento circundante. Como tais estipulações interferem ou evidenciam sentido afinal? O que acontece é que o parque enquanto portador e lar da flora e fauna da região campo-grandense, possui, por conseguinte, uma relação com o sentido de vida. Vale ressaltar que não só o parque terrestre que estamos nos referindo em tais proposições, mas, sobretudo, o lago, onde peixes, algumas aves e mamíferos também residam. Enquanto todo o lago e o parque são tidos como circundantes e associados à vida, a estátua é o inverso: não possui vida, e se localiza em um ilha, tornando-se o elemento circundado. Mais uma vez, evidenciamos por meio das categorias e oposições semânticas, que a estátua reforça a categoria semântica de morte.

Apesar de consideramos a análise praticamente concluída, observamos alguns acréscimos de sentido a possuímos algumas variáveis, a exemplo, do período do dia. Vale apontar que a noite, o monumento é iluminado com feixes próximos do dourado (figura 04), cambiando alguns sentidos em sua expressão:

Fig. 04: Monumento visto à noite



Créditos: Mario Hada

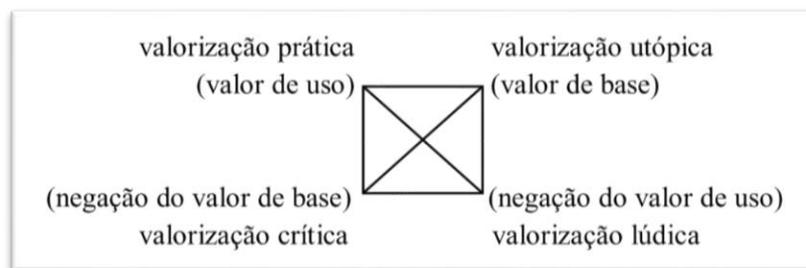
Com os feixes de luz, a estátua recebe e emite novos efeitos de sentido, conforme afirma Greimas: “[...] é, a final de contas, a luz que golpeia a vista do sujeito - a luz é o patamar mais profundo da visualidade. O deslumbramento atinge o sujeito e transforma sua visão” (GREIMAS, 2002, p. 26). Assim, a luz externa causa um novo “estado das coisas” golpeando o sujeito que a vê, e causando o efeito de deslumbramento (GREIMAS, 2002, p. 26).

A escultura como objeto de valor

Conforme afirma Pietroforte (2018, p. 147), quando tratamos de valor na semiótica greimasiana, evidenciamos dois principais tipos de valor: valor de uso e valor de base. Quando um objeto é o principal de determinado sujeito, temos um objeto de base. Por outro lado, quando um objeto é almejado pelo sujeito, o sujeito necessita possuí-lo, temos um objeto de uso.

Contudo, Jean-Marie Floch ao tratar sobre a relação de tais conceitos de valor, estipula que: “a projeção da categoria de valor de uso *vs* valor de base no quadrado semiótico revela quatro grandes tipos de valor, que nós denominamos mais ou menos, de forma arbitrária: prático, lúdico, utópico e crítico” (FLOCH, 1995, p. 149, tradução nossa)². No quadrado semiótico, Pietroforte formaliza tal relação:

Fig. 05: Quadrado semiótico da tipologia de valorização



(PIETROFORTE, 2018, p. 147)

Assim, Pietroforte esquematiza os preceitos de Floch, acrescentando que a: “afirmação dos valores de uso é chamada *valorização prática*; e a afirmação dos valores de base [...] é *valorização utópica*. A negação dos valores práticos é chamada *valorização lúdica*; a negação dos valores utópicos é chamada *valorização crítica*” (PIETROFORTE, 2018, p. 147). Nesse sentido, o caráter das esculturas vai determinar a maneira a qual receberão seu valor. Dentre as descrições feitas pelo autor, consideramos que o monumento do “Cavaleiro Guaicuru” é uma escultura de valorização prática, tendo em vista que “na valorização prática, há ênfase no que a escultura representa” (PIETROFORTE, 2018, p. 148). Tal premissa se justifica por quatro motivos:

² La projection de la catégorie valeurs d'usage vs valeurs de base sur le carré sémiotique fait reconnaître quatre grands types de valorisation, que nous avons dénommés plus ou moins arbitrairement: pratique, ludique, utopique et critique.

(1) a estátua é figurativa, com ela se pretende retratar a etnia da melhor maneira possível – a estátua é simulacro do homem, do sujeito Guaicuru –, a ênfase está pelo que ela representa não por sua composição ou estilo;

(2) o grande Cavaleiro Guaicuru está situado em uma ilha do lago do Parque das Nações Indígenas, onde pode ser visto de praticamente todos os lugares do principal parque da cidade. – Seu papel principal é louvar o indígena enquanto guerreiro e um dos protagonistas da Guerra do Paraguai;

(3) o tamanho e o material reforçam a importância do povo retratado;

(4) sua função social é eternizar a etnia Guaicuru e, por conseguinte, a ideologia representada por ela.

A escultura sul-mato-grossense não é de valorização utópica pois esta valoriza não o que a estátua representa, como a prática, mas a estátua em si, como linguagem, como obra de arte; No que se refere à valorização lúdica, nosso objeto não possui o perfil escultórico lúdico previsto por Pietroforte: “ser lúdico implica, no mínimo, alguma forma de atração: bibelôs, miniaturas de personagens de quadrinhos ou videogames, adereços; objetos assim costumam ser engraçados, singelos, curiosos, inusitados” (PIETROFORTE, 2018, p. 151); E, finalmente, também não possui valor crítico, tendo em vista que a “valorização crítica aponta para os limites do próprio conceito de escultura” (PIETROFORTE, 2018, p. 153).

Conclusão

Por meio da análise da escultura Cavaleiro Guaicuru, localizada no Parque das Nações Indígenas em Campo Grande – MS, foi possível apreender como um objeto escultórico pode ser portador de tantos sentidos. Sentidos esses possuem um conteúdo e se manifestam por meio de cores, formas e posições. A partir disso, percebemos que o monumento em questão, pelo modo do indígena sobre o cavalo, evidencia uma posição de guerra, sendo assim, tal objeto se manifesta sempre podendo se relacionar com o sentido fundamental de vida e de morte.

Além disso, percebemos que a semiótica estipula uma noção de valor sob seus objetos. Portanto, tais valores quando associados ao texto escultórico, difundam um valor social para a escultura, de modo que, a sua maneira, passa a ter não só um valor como também um papel social. Assim, tais efeitos de sentidos evidenciados tornam perceptível o importante papel social da escultura Cavaleiro Guaicuru na região, sobretudo, por possuir, em seu conteúdo e expressão, traços da identidade e da historicidade sul-mato-grossense.

SEMIOTIC ANALYSIS OF THE TEXT-SCULPTURE “CAVALEIRO GUAICURU”

ABSTRACT: Today, Greimas' discursive semiotics takes not only the verbal text as an object of analysis, but texts with other forms of expression. In this sense, the present work intends to carry out an analysis, under the semiotic bias, of the monument “Cavaleiro Guaicuru”, produced by the plastic artist Anor Mendes, sculptor from Mato Grosso do Sul. The statue is located in the Parque das Nações Indígenas, in the city of Campo Grande - MS, and is a relevant tourist focus in the state capital. For this, we use the postulates of Diana Luz Pessoa de Barros (2005; 2019) and José Luiz Fiorin (2000; 2011) with regard to analysis within the scope of standard semiotic theory; and the precepts of Antonio Vicente Pietroforte (2007; 2018) on the analysis of the plane of expression of the plastic text. Furthermore, we also made some considerations about the social role of sculpture based on the notion of value foreseen by Jean-Marie Floch (1995). In this way, it was possible to conclude, through the analyzes, effects of meanings that make perceptible its important social role in the region by having, in its content and expression, historical features and the identity of Mato Grosso do Sul.

KEYWORDS: Discursive semiotics; Plastic semiotics; Tourist speech.

REFERÊNCIAS

10 dos parques urbanos mais bonitos do Brasil para as horas de lazer. *São Paulo são*, São Paulo, 24 abr. 2018. Disponível em: <<https://saopaulosao.com.br/nossos-encontros/1357-10-dos-parques-urbanos-mais-bonitos-do-brasil-para-as-horas-de-lazer.html#>>. Acesso em: 13 jul. 2020.

AZEVEDO, Renan. Ramires de.; BATISTOTE, Maria Luceli Faria. Manipulações no ciberespaço: discurso e linguagem do turismo pantaneiro. *Linguagens – Revista de Letras, Artes e Comunicação*, v. 14, n. 2, p. 114-127, 2020.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria Semiótica do Texto*. 4ª ed. São Paulo, Ática, 2005.

_____. Estudos do discurso. In: FIORIN, J. L. (org.). *Introdução à Linguística II: princípios de análise*. 5 ed – São Paulo: Contexto, 2019.

BATISTOTE, Maria Luceli Faria. *Semiótica francesa: busca de sentido em narrativas míticas*. Campo Grande: ed. UFMS, 2012.

BOGGIANI, Guido. *Discusiones sobre filología etnográfica y geografía histórica*. Asunción: ed. 1899.

FIORIN, José Luiz. *Elementos de Análise do Discurso*. 9.ed. São Paulo: Contexto, 2000.

_____. Semiótica e História. *Cadernos de Letras UFF – Dossiê: Linguagens em diálogo*, nº 42, p. 15-34, 2011.

FLOCH, Jean-Marie. *Identités visuelles*. Paris: PUF, 1995.

GREIMAS, A. J. *Da imperfeição*. São Paulo - Hacker Editores, 2002. pref, e trad. Ana Claudia de Oliveira; apres. de Paolo Fabbri, Raúl Dorra, Eric Landowski - São Paulo: Hacker Editores, 2002.

LOPES, Reinaldo José. Os irredutíveis guaicurus. *Revista Aventuras na História*, São Paulo: Abril, n. 17, p. 52-55, jan. 2005.

MONUMENTO “Cavaleiro Guaicuru” será inaugurado sexta-feira. *Dourados News*. 16 jun. 2004. Disponível em: <<https://www.douradosnews.com.br/noticias/monumento-cavaleiro-guaicuru-sera-inaugurado-sexta-feira-751ce4a4a32bc/197317/>>. Acesso em: 13 jul. 2020.

MORATO, Elisson Ferreira. Esboço de um plano de expressão para o texto escultórico. *Estudos Semióticos*, v. 9, n. 1, p. 90-98, 18 jun. 2013.

PIETROFORTE, Antônio Vicente. *Análise do texto visual: a construção da imagem*. São Paulo: Contexto, 2007.

_____. A semiótica da escultura. *Estudos Semióticos*, v. 14, n. 1, p. 144-157, 14 mar. 2018.

Recebido em: 29/06/2022.

Aprovado em: 13/06/2022.